

## A caridade do sangue de Cristo: elementos bíblicos

*The Charity of the Blood of Christ: Biblical Elements*

MARIA DE LOURDES CORRÊA LIMA\*

**Resumo:** A referência ao sangue de Cristo, no Novo Testamento, está presente em variados escritos e de múltiplas formas. O cenário que permite compreender a profundidade de sua mensagem radica-se particularmente em textos do Antigo Testamento e na mentalidade que espelham. Neles, o sangue é considerado como uma realidade que une significados opostos: morte e vida; pecado e expiação da culpa, purificação e reconciliação. O presente trabalho, visando mais bem penetrar no sentido do sangue de Cristo, parte de textos seletos do Novo Testamento, para entrever o horizonte veterotestamentário que permite avaliar suas dimensões de sentido. Percorre um itinerário em três etapas: o sangue e o amor de Cristo pelos “seus”; o sangue de Cristo e a humanidade pecadora; o poder de santificação do sangue de Cristo e a vida a que ele dá acesso. Com isto, será possível identificar aspectos significativos das referências ao sangue de Jesus no Novo Testamento.

**Palavras-chave:** Sangue na Sagrada Escritura. Sangue e Caridade. Sangue de Cristo no Novo Testamento. Espiritualidade bíblica.

**Abstract:** The reference to the blood of Christ is present in various writings and in multiple forms in the New Testament. The context that allows us to understand the depth of his message lies in Old Testament texts and in the mentality that they reflect. In them, blood is seen as a reality that unites opposite meanings: death and life; sin and atonement of guilt, purification, and reconciliation. The present work, aimed at better penetrating in the

---

\* Doutora em Teologia (Bíblica) pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professora de Sagrada Escritura na PUC-Rio e no Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro. E-mail: [mllima@puc-rio.br](mailto:mllima@puc-rio.br).

sense of the blood of Christ, starts with selected texts of the New Testament, in order to glimpse the Old Testament horizon that allows to evaluate its dimensions of meaning. It follows a three-stage itinerary: Christ's blood and the love for "his own"; the blood of Christ and the sinful humanity; the sanctifying power of Christ's blood and the life it gives access to. In this way, it will be possible to identify significant aspects of the references to the blood of Jesus in the New Testament.

**Keywords:** Blood in Holy Scripture. Blood and Charity. Blood of Christ in the New Testament. Biblical spirituality

## Introdução

A espiritualidade ligada à realidade do Sangue de Cristo objetiva aprofundar o amor que se expressa na oblatividade deste Sangue e em seu valor salvífico para a Igreja, o mundo e cada fiel.

“Queres conhecer o poder do sangue de Cristo? Voltemos às figuras que o profetizaram. (...) Queres compreender mais profundamente o poder deste sangue? Repara de onde começou a correr e de que fonte brotou” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2005, 174-177).

Estas perguntas de S. João Crisóstomo impõem a abordar o valor do Sangue de Cristo, segundo a Sagrada Escritura, considerando os dados do Antigo e do Novo Testamento. É o que será feito no presente trabalho, que partirá de textos do Novo Testamento e irá então ao encontro das passagens veterotestamentárias neles evocadas, para procurar chegar, assim, a “compreender mais profundamente” o tema. Este, por sua vez, será ainda explanado no viés do amor que se expressa na realidade do sangue, viés este selecionado em três vertentes: o amor de Jesus pelos “seus”, pelo mundo pecador e em vista da santificação da humanidade.

### 1. A caridade do sangue de Cristo em seu amor “até o extremo”

“Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo” (Jo 13,1).

Jo 13,1 abre a grande seção do Quarto Evangelho que trata da “hora” de Jesus. De seu último encontro com os discípulos, ele passa à sua paixão, morte e ressurreição. Abre-se essa parte do Evangelho com a menção do seu amor pelos “seus que estavam no mundo” (Jo 13,1). O contexto é a festa da páscoa, tema importante no Evangelho (Jo 11,55; 12,1; 18,28.39; 19,14). A teologia do Evangelho joanino apresenta Jesus consciente da chegada de sua “hora”, definida como passagem “deste mundo para o Pai”. Portanto, o final de sua vida terrena. Ela é marcada pelo amor: “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo”. A última expressão – εις τέλος – integra, ao sentido temporal (a morte), a dimensão qualitativa: trata-se de um amor supereminente. A mesma raiz, então em forma verbal, reaparece na cena da crucificação, como a última palavra de Jesus: “Está consumado!” (τετέλεσται, Jo 19,30) – e traça um liame entre as duas passagens. Esta última palavra resume a vida de Jesus e particularmente os fatos de sua paixão, exprimindo o seu sentido. Na cruz se dá a realização plena da obra que o Pai confiou a Jesus; e isto de modo definitivo, como se depreende do uso da forma verbal no pretérito perfeito (TALAVERO, 1976, p. 235. 240-241). Pouco antes, em Jo 19,28, o próprio evangelista fala e, nesse caso, acrescenta a palavra “tudo”: “*tudo* está consumado” (πάντα τετέλεσται), explicitando, assim, o significado de realização plena da obra e da vida de Jesus. O amor “até o extremo” demonstra-se particularmente na morte de cruz.

A primeira cena da última seção do Evangelho, que segue imediatamente a menção da chegada da hora e do amor máximo, a cena do chamado lava-pés, juntamente com seu significado de serviço, remete à morte que ocorrerá no dia seguinte (Jo 13,2-20) (SCHNACKENBURG, 1980, p. 40). O amor de Jesus, com efeito, implica a doação total da vida: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13). O maior serviço que Jesus realizou – na realidade, toda a sua vida em serviço – foi dar-se a Si mesmo, entregar-se ao Pai pela vida da humanidade (Jo 3,16).

Na cena da cruz, o εις τέλος de Jo 13,1 se manifesta como consumação de sua missão em obediência (Jo 14,31; 17,4; 4,34; 5,30; 6,38), como livre entrega de sua vida (Jo 10,18) ao Pai: “Inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). A morte, todavia, não é o último quadro da vida terrena de Jesus; após a morte, sua doação continua com a observação, feita pelo evangelista, de que, do peito aberto de Jesus, fluiu sangue e água (Jo 19,34).

Nos quatro evangelhos canônicos, o sangue de Jesus é mencionado algumas vezes. Além dos textos eucarísticos (Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20), reaparece nos sinóticos sempre em relação à realidade corpórea. Judas arrepende-se de ter entregado “sangue inocente” (Mt 27,4), devolve a soma recebida das autoridades judaicas, que, por ser “preço de sangue”, não a

depositam no tesouro do templo, mas com ela compram um terreno que será chamado “campo de sangue” (Mt 27,6-7). Pilatos se autodefende, dizendo “sou inocente desse sangue” (Mt 27,24), cujo derramamento, indicando morte violenta, é reivindicado pelo povo (Mt 27,25: “caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos”). Lucas, por sua vez, registra o suor de Jesus, no Getsêmani, como “gotas de sangue que caíam sobre a terra” (Lc 22,44). Em todas essas ocasiões, a menção do sangue de Jesus indica simplesmente sua humanidade. Somente no Quarto Evangelho o sangue de Cristo é objeto de especial atenção, adquirindo valor cristológico e eclesiológico: o sangue, fruto de sua morte, jorra de seu lado aberto.

A menção do fluir do sangue em Jo 19,34 adquire, considerado o cenário da plenitude da “hora” e da entrega de Jesus, portanto, profundo significado. Indica certamente, em primeiro lugar, a realidade da morte (SCHNACKENBURG, 1980, p. 357), mas deve ser considerada também em um plano mais elevado, como é manifesto nos versículos que se seguem. A insistência em “ver” e “dar testemunho”, que o evangelista reporta (Jo 19,35: “Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que vós creiais”), diz respeito exatamente a este fluir de sangue e água, sendo a menção do sangue mais significativa na medida em que evoca de modo mais direto a morte.

Se a preocupação antidoceta do Evangelho explica em parte a menção do sangue (SCHNACKENBURG, 1980, p. 358)<sup>1</sup>, há aqui também um sentido simbólico (DE LA POTTERIE, 1984, p. 214), seja ele sacramental seja pelo menos como algo de grande importância para a comunidade eclesial. O uso absoluto do verbo “crer” (πιστεύειν: “para que vós creiais”) fala em favor de um componente simbólico, que ultrapassa o dado visível. A referência a dois cumprimentos da Escritura, nos versículos seguintes (vv. 36-37), confirma este dado.

Chama a atenção o uso, no v. 34, do verbo “sair” (na forma εἰξήλθεν: “saiu sangue e água”), pois fica assim subentendido que o sangue e a água emergem a partir de dentro. Isso significa que estas duas realidades expressam o interior de Jesus, sua vida mesma, na sua hipostática profundidade. O evangelista “vê” e “dá testemunho” de uma realidade visível, mas que expressa uma realidade invisível, a vida de Jesus – o Verbo feito carne – entregue “até o fim”, até a última gota. E, com isso, a realidade do amor “até o extremo”:

1 O texto de 1Jo 5,6 é próximo do de Jo 19,34-35 e visa afirmar a realidade da corporeidade de Jesus, contrapondo-se ao docetismo (SCHNACKENBURG, 1980, p. 358).

“O sangue que sai do lado de Jesus já morto torna-se, para as testemunhas, a evocação e o símbolo da vida profunda de Jesus antes de sua morte; ele é o sinal visível do que permaneceu invisível: a consciência de Jesus. O sangue que ‘sai’ de seu lado transpassado nos deixa ‘penetrar’ em sua intimidade, naquilo que a espiritualidade, a partir da Idade Média, chamou de ‘coração’ de Jesus” (DE LA POTTERIE, 1984, p. 215, tradução livre).

De outro lado, sangue e água estão unidos e de certa forma fundem-se, pois saem juntos. Se a água, no Quarto Evangelho, remete ao Espírito (Jo 7,38), unida ao sangue indica, então, que o Espírito está ligado à cruz de Cristo (DE LA POTTERIE, 1984, p. 221) e, portanto, ao seu sangue derramado em seu amor “até o extremo” (Jo 13,1), ao “está consumado” (Jo 19,30). O Espírito está ligado ao sangue que flui do interior de Jesus. Dessa maneira, mesmo o corpo morto do Senhor é fonte de vida, e o é através de seu sangue (BROWN, 1994, p. 1177). A vida que ele dá não se extinguiu com a morte – o que ficará explícito com sua ressurreição.

**1.1** A primeira citação de cumprimento da Escritura, que logo se segue (v. 36) – “Nenhum osso lhe será quebrado” –, remete a dois tipos de texto veterotestamentários: de um lado, o Sl 34,20 (LXX: 33,21); de outro, Ex 12,46 (LXX: 12,10) e Nm 9,12. O texto joanino usa o mesmo verbo do Salmo, mas, utiliza-o em terceira pessoa do singular passivo (συντριβήσεται), diferindo tanto da passagem de Êxodo como da de Números, que usam formas verbais ativas, respectivamente em segunda e terceira pessoa do plural (συντρίψετε / συντρίψουσιν)<sup>2</sup>. Em relação ao Salmo, excetuando a ideia de não serem quebrados os ossos, o restante do texto difere bastante do teor da passagem joanina. Possivelmente, porém, tanto a concepção do Salmo como a de Êxodo (e Números) são aqui evocadas. De um lado, no contexto de morte e glorificação de Jesus, tem especial valor a reminiscência do Salmo, que fala de um justo sofredor. Com efeito, outros salmos de mesmo teor são mencionados na cena joanina da crucifixão: o Sl 22,19, com a referência à divisão das vestes, é citado em Jo 19,24; o Sl 69,22, que fala da sede, em Jo 19,28. De outro lado, porém, o acento parece estar, pelo contexto pascal, na referência a Ex 12,46, retomado em Nm 9,12. Jo 19,21, de fato, sublinha que se tratava do “dia da preparação da páscoa” e, mesmo se não é dito claramente que Jesus morre na hora em que os cordeiros eram

2 O texto de João ainda omite o *καί* e a preposição *ἀπό*. Segundo Beale, por este motivo, seria provável que a citação tivesse sido feita a partir do texto grego do Sl 33/34 (BEALE, 2014, p. 628).

imolados no templo, a referência ao sacrifício pascal ocupa o primeiro plano (SCHNACKENBURG, 1980, p. 359-360; BROWN, 1994, p. 1186).

O texto de Ex 12,46 localiza-se na seção do livro do Êxodo (Ex 12,1 – 13,16) que trata da páscoa e da saída do Egito (CHILDS, 1995, p. 207-208), especificamente na subseção em que Deus dá instruções a Moisés e Aarão, primeiramente sobre a preparação da páscoa (Ex 12,1-13) e, em seguida, sobre a festa dos ázimos (Ex 12,14-20). A saída do Egito deve ser precedida por uma refeição em que todo o povo deve tomar parte (Ex 12,3)<sup>3</sup> e que será realizada não numa simples reunião de amigos ou conhecidos, mas no seio da família (v. 3-4; v. 21). Há uma detalhada descrição do que deve ser feito. O cordeiro (eventualmente um cabrito, v. 5) deve ser imolado num momento preciso: separado no décimo dia do primeiro mês, será abatido no décimo quarto dia à tarde. Prescreve-se em minúcias as características do animal, como deverá ser preparado para alimento e como deverá ser comido (v. 5.9-11). Seu sangue deve tingir os umbrais e a verga da porta das casas (v. 7).

O sentido deste último gesto é explicado no v. 13: o sangue é sinal para o Senhor e preserva as famílias de qualquer mal na noite em que os primogênitos egípcios sofrerão a morte. Segundo a mentalidade comum no Antigo Oriente Próximo (MEYERS, 2005, p. 97.99), o sangue tem aqui função apotropaica, com a finalidade de afastar demônios. O “exterminador” (מַשְׁחֵט, v. 23), vendo o sangue, entende que já houve morte violenta na casa e passa adiante (OTTO, 1989, col. 672). Mantidos os resquícios desta mentalidade, o texto bíblico, no entanto, mostra por diversas vezes que quem fere é o próprio Senhor (vv. 12.23.27.29), de modo que o “exterminador” perde seu valor pessoal e seu significado mágico. O sangue tem, por conseguinte, por sua relação com o plano divino, que visa a libertação dos hebreus, valor de proteção. Isto se depreende do contexto, mas também do uso do verbo פּוֹחַד, que, embora possuindo diversos sentidos, no texto de Ex 12 apresenta sobretudo o significado de repelir, defender (OTTO, 1989, col. 667-668). O sangue impede a aproximação do mal, repelindo-o. O sentido de “passar” adjudicado ao verbo é de origem popular<sup>4</sup>.

De interesse é considerar, ainda, que Ex 12,3 marca o décimo dia do primeiro mês como aquele em que o cordeiro deve ser separado. Ressalta-se que se trata do início do ano. Tal detalhe remete ao décimo dia do sétimo mês,

3 A prescrição de Dt 16,1-8.16 menciona somente os homens e não todos os membros do povo.

4 Em Ex 12,13.27, a Septuaginta traz σκεπάσειν, “proteger”; a Vulgata, “protegam”, que, no v. 13, opõe-se a “destruir”. No v. 23, a tradução por “prosseguir” é devida ao contexto, em que ocorre o verbo רָבַע, “passar” (OTTO, 1989, col. 668). Sobre o verbo: HALAT, p. 893.

mês que marca outro início do ano na cronologia israelita<sup>5</sup>. Ora, é exatamente no décimo dia do sétimo mês que tem início a cerimônia do Dia do Kippûr, a grande solenidade de purificação dos pecados da comunidade (DE VAUX, 1992, p. 636; OTTO, 1989, col. 677-678). O povo é liberado de suas culpas através da morte de dois animais: o sacrifício de um deles e o envio de outro ao deserto. Marca-se, dessa maneira, uma certa correspondência entre o cordeiro pascal e os animais expiatórios do Dia do Kippûr. O sangue, em Ex 12, preservando os israelitas da morte de seus primogênitos, não só protege mas também substitui: o sangue do cordeiro em lugar do sangue dos hebreus. De outra parte, a partir do paralelismo cronológico e da ideia da morte dos animais, a imolação do cordeiro na Páscoa evoca, em certa medida, a ideia de expiação<sup>6</sup>.

**1.2** A segunda citação de cumprimento da Escritura, na cena joanina aqui tratada, refere a profecia de Zc 12,10 (Jo 19,37): “Olharão para aquele que transpassaram”<sup>7</sup>. A passagem oferece não poucas dificuldades ao intérprete. Localiza-se em meio a um lamento por alguém que foi morto (Zc 12,10-14); nem o transpassado nem quem o transpassa são claramente identificados. Tal morte é motivo de conversão para os habitantes de Jerusalém e lhes traz a bênção. O texto hebraico coloca o Senhor como objeto do olhar (“Olharão para mim”). Transpondo a pausa do texto massorético para este ponto, lê-se: “olharão para mim. Aquele a quem transpassaram, lamentar-se-ão sobre ele como lamento sobre o filho único, chorando amargamente sobre ele como se chora sobre o primogênito”<sup>8</sup>. A citação de João adapta o texto, dando-lhe um sentido cristológico. “Os que olham” não pode ser somente o soldado que transpassou o lado de Jesus (pois é um apenas e o texto fala no plural: “olharão”), mas, possivelmente, todos os que olharão para Jesus em todos os tempos (o verbo está no tempo futuro). De outra parte, o texto de Jo 19,37 muda a pessoa de referência: em vez de olhar para Deus, olha-se para o transpassado. Trata-se de um olhar de conversão (suposto o lamento mencionado em Zc 12,10-14) e, portanto, um olhar que abre para a vida: “olhar” em João, de fato, é conexo a “ter

5 Na história israelita contam-se dois calendários, um que coloca o início do ano no outono e outro que o coloca na primavera. Sobre o assunto: DE VAUX, 1992, p. 264-267.

6 Como é explicitado no texto de Nm 28,16-25 (especialmente o v. 22) e corroborado particularmente pelo uso do verbo *נח* em Ex 12,7, que evoca o derramamento de sangue no altar (Ex 29,12.20; OTTO, 1989, col. 677-678)

7 É mais plausível ver aqui o texto de Zc 12,10 do que a citação do Sl 22,17. O contexto de Zc 12 fala do derramamento do espírito de “graça e súplica” (12,10) e do surgimento de uma fonte para Jerusalém (13,1), o que pode ter sido o cenário para valorização, no texto joanino, também da água (TALAVERO, 1976, p. 253).

8 Assim também a Neo Vulgata: “et aspicient ad me. Quem confixerunt, plangent quasi planctu super unigenitum et dolebunt super eum, ut doleri solet super primogenitum”.

fê” (Jo 3,14.15; 8,28; 12,32.33). Trata-se de olhar para o transpassado do qual flui sangue e água: contemplar este fluir é bênção para o que crê. Olhar para o sangue, sinal mais claro da morte, é atitude que possibilita reconhecer quem é Jesus. Já antes o evangelho dissera que, quando os judeus exaltassem o Filho do Homem, reconheceriam quem Ele é (Jo 8,28). A profecia de Zc 12,10 recebe, assim, dois novos sentidos: Jesus toma o lugar que é de YHWH em Zc 12 – é para ele que se volta o olhar – e, como transpassado, é agora ele mesmo a fonte de vida para os que o contemplam e têm fé. Por outro lado, João fala para todas as gerações, pois se o testemunho daquele que “viu” o sangue que fluía do lado de Jesus (v. 35) se encontra no passado, é no futuro que o jorrar do sangue será contemplado (verbo no futuro: “olharão”; BEALE; CARSON, 2014, p. 631).

**1.3.** Em síntese, junto com as prescrições referentes ao sangue, no livro do Êxodo, a indicação da necessária integridade do cordeiro, cujos ossos não devem ser quebrados (Ex 12,46; LXX 12,10) demarca dois pontos essenciais à celebração da páscoa: a refeição cujo ponto central é o cordeiro e o sangue que protege da morte. Referidos estes dois elementos no texto joanino de 19,33-36, fica evidente a dimensão pascal da narrativa evangélica. O Quarto Evangelho liga estreitamente morte sacrificial de Jesus e páscoa, com seu sentido de proteção, libertação do mal e vida. Jesus, apresentado já no início do Evangelho como “cordeiro de Deus” que liberta do pecado (Jo 1,29.36), substituiu o rito da antiga páscoa, cumprindo-o de forma mais alta com sua entrega na cruz, sua imolação, que se evidencia também na menção do sangue que flui de seu lado. Ao mesmo tempo, ele é o justo sofredor (Sl 34,20/33,21), que tem sua integridade protegida por Deus e deixa jorrar de seu lado aberto o sangue que não só defende e purifica, mas que também, contemplado com fé, é fonte de comunhão com ele, reconhecido então em sua divina personalidade. Em sua exaltação na cruz, Jesus atrai todos a Si (Jo 12,32), e os que penetram o significado do sangue que flui da sua vida entregue ao Pai pelos “seus que estão no mundo” podem então participar de alguma forma do mistério da caridade até o extremo, expressa em seu sangue.

Se, em sua morte, o sangue derramado de Jesus é manifestação e sinal máximo de seu amor “até o extremo”, da realização da redenção em nosso favor, após sua morte, é penhor de participação em seu mistério de todos os que contemplam com fé seu sangue doado por amor.



## 2. A caridade do sangue de Jesus pela humanidade pecadora

“Quase todas as coisas são purificadas com sangue, segundo a Lei; e sem derramamento de sangue não há remissão” (Hb 9,22).

No capítulo 9 de Hebreus são descritos os ritos da aliança antiga, ritos ineficazes, em contraste com a obra de Jesus Cristo, realizada por sua entrada no “santuário” “verdadeiro” (Hb 9,24) (VANHOYE, 1965, p. 4). No centro está o sangue versado na cruz, apresentado como meio de expiação (Hb 9,12.13.14.18.19.21.22.25). Pela menção do sangue, traça-se um paralelo antitético entre o sacrifício de Cristo e os sacrifícios expiatórios do Antigo Testamento, particularmente em referência ao Dia da Expiação (Lv 16) (LANE, 1991, p. 69-70). No que tange aos ritos referentes ao sumo-sacerdote, neste dia, dois animais (respectivamente um bode e um touro: Lv 16,3.5-11.15-16) eram oferecidos a Deus em vista de sua própria purificação. Após oferecer um touro por si e a linhagem sacerdotal, o sumo-sacerdote entrava no santo dos santos, incensava o propiciatório e o aspergia com o sangue do animal (Lv 16,11-14). Em seguida, tomava o sangue do bode e também com ele aspergia o propiciatório. Um segundo bode, ligado à purificação do povo, recebia o rito de imposição das mãos do sumo-sacerdote, pelo que era carregado simbolicamente dos pecados do povo (Lv 16,8-10.20-22). Nos dois casos (a purificação da linhagem sacerdotal e a do povo em seu conjunto), com o ritual do Dia do Kippûr, está em jogo, em primeira instância, a remoção do pecado e, assim, a purificação, que inclui, implicitamente, o perdão divino (HULTGREN, 2019, p. 549). O sangue é meio de purificação e possui valor vicário e expiatório (DE VAUX, 1992, p. 637).

O sentido de purificação está presente, para além do ritual do Dia do Kippûr, em outros sacrifícios. Lv 17,11 afirma que o sangue do sacrifício “expia” (כִּפָּוּ) o pecado, isto é, reconcilia e purifica, desde que o sacrifício seja feito diante do tabernáculo (no local correto) por uma pessoa autorizada. Também objetos e lugares são purificados com sangue: o altar, impuro devido aos pecados de Aarão e seus filhos ou às faltas do povo, é purificado com sangue e novamente consagrado (Lv 8,14-15; 16,16-19); e leprosos e suas casas são purificados com sangue (Lv 14,33-57, especialmente vv. 51-52) (KRALJIK, 2022, p. 20-21).

O motivo que baseia esta sua função purificatória reside no fato que o pensamento israelita, baseando-se no senso comum, estabelecia uma conexão entre sangue e vida. A partir daí, ligava-se o sangue a Deus como doador da vida. Na medida em que o sangue sacrificial implica a morte da vítima e substitui aquele pelo qual é oferecido, ele redime a vida do pecador, purifica-o

e santifica-o. O sacrifício adquire, assim, valor substitutivo: a entrega da vítima a Deus significa a entrega, a Deus, da vida daqueles que fazem o sacrifício. Uma entrega que significa adoração e busca de comunhão, a qual é alcançada através da participação no ato sacrificial. No sacrifício, não se trata, portanto, essencialmente, da perda da vida, mas sim da passagem da morte para a vida. Como o animal já perdeu a vida, não é necessária outra perda (a do pecador). Morte e vida, dessa maneira, estão ligadas ao sangue não como opostos, mas como complementares, pois é na morte oferecida que reside a vida. O que ocorre no sacrifício é que, por uma vida sacrificada (do animal), outros recebem nova vida. Dessa forma, nos atos sacrificais, a proeminência pertence à vida e não à morte. A vida domina a morte, pois esta não é a última palavra, mas sim meio através do qual a vida tem lugar (KRALJIK, 2022, p. 16-18).

O texto de Lv 17,11.14 explica a razão pela qual o sangue de animais sacrificados serve como expiação, por que pode ser resgate por outra vida:

“a vida (נַפְשׁוֹ) da carne está no sangue. E este sangue eu vo-lo tenho dado para fazer o rito de expiação sobre o altar pelas vossas vidas; pois é o sangue que faz expiação (כַּפֵּר) pela vida.”

“a vida de toda carne é o sangue”.

Se a vida (que está no sangue) pertence a Deus, pois só ele a dá, então só ele a pode tirar. Por isso o sacrifício que envolve sangue é o maior sacrifício que o homem pode oferecer a Deus.

Hb 9 contrapõe a esses ritos o sacrifício de Jesus<sup>9</sup>. Em sua morte sacrificial, Jesus realizou a expiação. Uniu assim sacrifício e purificação, realizando ele mesmo o ritual da expiação, que é superior aos rituais antigos tanto porque é feito uma só vez (enquanto os outros rituais são repetidos) como porque seu resultado é uma “redenção eterna” (αἰωνίαν λύτρωσιν, Hb 9,12) (ATTRIDGE, 1989, p. 248). Além disso, enquanto os rituais antigos purificavam somente os corpos e objetos, o sacrifício de Cristo é feito por um “espírito eterno” (πνεύματος αἰωνίου; Hb 9,14), não num templo terrestre, mas numa realidade espiritual, num sacrifício em que está inteiro o seu interior. Por isso seu sangue tem o poder de “purificar a consciência” (καθαριεῖ τὴν συνείδησιν), de realizar uma total remissão (ἄφεσις, Hb 9,22). Em outras palavras, Jesus ofereceu um único sacrifício, superior aos antigos, porque realizado uma vez por todas com seu próprio sangue (LANE, 1991, p. 72). Assumido voluntariamente, o

9 No Yôm Kippûr, a morte dos animais era ligada à expiação pelos pecados (Hb 9,12), mas a purificação era conseguida também através de outros rituais (Hb 9,13; Nm 19). A aspersão do sangue (e, segundo Nm 19, também da água lustral) era meio de purificação. O sacrifício de Cristo, porém, sobrepuja totalmente essas perspectivas.

derramamento de seu sangue expressa sua entrega, a oferta de si mesmo, sua obediência e amor (Hb 9,14). Por isso, enquanto os antigos sacrifícios eram realmente incapazes de purificar, o sangue de Jesus, oferecido em sacrifício, traz verdadeira purificação.

A perspectiva do Quarto Evangelho, que contempla Jesus como o “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29.36), complementa a perspectiva de Hb 9, explicitando o valor vicário do sangue de Cristo. Além de proteção do mal (cenário da saída do Egito, Ex 12), a expressão “cordeiro de Deus”, na base do sistema sacrificial levítico, implica a ideia de sacrifício em lugar e em favor da humanidade. É como “cordeiro imolado” que o Cristo glorioso aparecerá nas visões do Apocalipse (Ap 5,6-13; 6,1 *et passim*) como numa síntese de seu amor que, na entrega de sua vida, traz a vida ao mundo.

### 3. A caridade do sangue de Jesus e seu poder de santificação

Tais perspectivas remetem aos textos eucarísticos. O cenário veterotestamentário é representado sobretudo pelo rito da aliança narrado em Ex 24,3-8. Após o povo ter manifestado sua aceitação das palavras e normas dadas por Deus a Moisés (expressas nos capítulos 20 a 23), tem lugar o sacrifício da aliança. Dois tipos de sacrifício são então realizados, holocaustos e sacrifícios pacíficos. No primeiro, a vítima é totalmente queimada pelo fogo do altar; no segundo, a vítima sacrificada é consumida pelos que oferecem o sacrifício, realizando-se, com este rito, a união entre Deus e o povo e entre os próprios membros do povo (AVERBECK, 2011, p. 1041-1043). Altar e povo são aspergidos com o sangue de doze touros, marcando-se, assim, também pela aspersão, a união das duas partes contraentes da aliança.

O sangue é, dessa maneira, como já ocorre em outros povos do entorno de Israel, parte essencial na realização da aliança. É particularmente por ele que se identificam os contraentes e que eles entram em comunhão – entre si, no caso de alianças humanas, ou, no caso da aliança de Israel com Deus, entre o povo e o Senhor.

Além de afirmar a participação na aliança, o sacrifício de Ex 24,3-8 implica a consagração de Israel como povo santo (DURHAM, 2002, p. 344). De fato, conclui o contrato de aliança, cujas estipulações tinham sido iniciadas em Ex 19,4-6: o povo é chamado a ser “propriedade” (תְּקַלְמָם מִיְהוָה) do Senhor, “reino de sacerdotes” (תְּקַלְמָם מִיְהוָה) e “nação santa” (יִיג שׁוֹדֵק). Estas expressões tematizam a pertença de Israel a Deus, sua separação dos outros povos, de modo que ele pode participar da aliança e é capaz de oferecer dons ao Senhor (MARKL, 2007, p. 69-70). O sangue marca, assim, a santificação, a separação daquilo que

é profano e impuro, e sua purificação e consagração a Deus. É nesse sentido que o sangue é também utilizado no ritual de consagração de Aarão e seus filhos para o sacerdócio (Ex 29,20-21): partes de seus corpos são unguidas com sangue, que é também derramado nos lados do altar e aspergido sobre as vestes sacerdotais. Confirma-se, desse modo, seu significado purificador e consecratório.

Sobre este panorama, fica mais clara a menção do sangue da aliança nos textos neotestamentários. A cena é ritual. Pegar o pão e o vinho que serão corpo e sangue indica a morte violenta, à qual Jesus se submeterá e que oferecerá ao Pai. O cálice é identificado com o “sangue da aliança” (Mt 26,28; Mc 14,24) ou “a nova aliança em meu sangue” (Lc 22,20; 1Cor 15,25). Não se trata primeiramente de que quem toma do cálice participa da aliança, mas sim de que a própria instituição da nova aliança se identifica com o sangue do Senhor. Também aqui evoca-se Ex 24,8 (“o sangue da aliança que o Senhor fez convosco”), mas, pela menção da “nova aliança”, remete-se ao texto de Jr 31,31-34, que anuncia uma aliança futura qualitativamente diferente daquela do Sinai, porque interiorizada e indefectível (FEE, 1994, p. 628). Com isso, a participação na aliança se dá como consequência da realização da nova aliança no sangue, na morte de Jesus. O sangue é garantia da nova aliança<sup>10</sup>.

A tradição seguida por Paulo, de sua parte, acrescenta a ordem “fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim” (1Cor 15,25), o que sublinha a importância da participação da comunidade cristã no sangue consagrado (LÉON-DUFOUR, 1984, p. 253). Ao mesmo tempo, põe-se em relevo o caráter de anúncio, presente na celebração eucarística, da morte salvífica. O fato de Paulo não falar da morte de Jesus (1Cor 15,26), mas da morte do “Senhor”, título para o Cristo ressuscitado, evidencia que não se trata do sangue que recorda uma morte dolorosa, mas do sangue daquele que, morrendo, venceu a morte pela ressurreição, do sangue que, pela morte, trouxe vida eterna. Portanto, do sangue como oblação de amor e penhor de vida.

Diferentemente dos sinóticos, no Quarto Evangelho a eucaristia não é tratada na cena da última ceia, mas sim em partes do discurso, localizado no capítulo 6, que tem lugar após a multiplicação dos pães. Neste, insiste-se na necessidade de “beber o sangue” para ter a vida. Chama a atenção tal insistência, uma vez que beber o sangue era proibido na Lei mosaica (Gn 9,4; Lv 3,17; 7,26-27; 17,10; Dt 12,23). A razão de tal proibição residia no valor do sangue e em sua ligação direta com a vida. O sangue é propriamente a vida, é

---

10 A tradição de Marcos e Mateus inclui a alusão ao Servo sofredor, que dá sua vida “em favor de muitos”, o que é ainda explicitado no texto de Mateus pela menção do perdão dos pecados.

a razão da vida, possui uma força vital. Se é Deus quem dá a vida e o sangue pertence a ele, não tomar o sangue era sinal imprescindível do reconhecimento da soberania de Deus. O sangue era sempre considerado, por isso, como de inestimável valor, sempre como algo muito precioso.

A palavra de Jesus sobre o pão, ditas um pouco antes, já escandalizara seus ouvintes (Jo 6,52), por referir a necessidade de comer o alimento que é “a minha carne para a vida do mundo” (Jo 6,51). Em vez de mitigar o escândalo, Jesus o torna ainda mais agudo, pois acrescenta, além da necessidade de “comer a carne do Filho do Homem”, a de “beber o seu sangue”. Duas condições absolutamente necessárias para a vida: “se não comerdes ... e não beberdes ... não tereis a vida em vós” (Jo 6,53). Unindo à “carne” o “sangue”, retoma-se uma expressão conhecida para designar a pessoa, o ser humano por inteiro (Eclo 14,18; LAUBACH, 1975, p. 221)<sup>11</sup>. Ao mesmo tempo, após a referência à “carne para a vida do mundo” (v. 51), a menção em conjunto de carne e sangue aponta para a morte de Jesus (CABA, 1993, p. 354-355). Antecipa-se, assim, a doação da própria vida até sua consumação (Jo 19,30), deixando fluir do lado aberto o sangue cuja contemplação é essencial para o reconhecimento de quem é realmente Jesus. Registrando os dois elementos (carne e sangue) e, sobretudo, pelo acréscimo do “sangue” à carne, tem-se a reafirmação do caráter de doação total da pessoa. O sangue serve então, já de início, como forma de demonstrar que a vida mesma de Jesus é dada àqueles que o recebem – ou, em outras palavras, que o próprio Senhor se dá, pessoalmente, àquele que o recebe. Tais menções não têm um simples valor figurado, não são simplesmente uma forma de expressar a íntima ligação a Cristo, nem tampouco uma “designação plástica da morte” (BEHM, 1965, col. 472), mas uma linguagem sacrificial e, portanto, sacramental. A permanência mútua que Jesus, nesse contexto, promete – “permanecerá em mim e eu nele” (v. 57) – se dá, portanto, na base de uma presença real, uma presença cuja realidade chocou a audiência do tempo de Jesus, que não foi diminuída pelas ulteriores palavras suas e que se expressa na realidade de seu corpo e seu sangue.

O sangue de Jesus que dá a vida é o sangue que passou pela morte, sofreu a perda da força vital com a morte física, mas a superou em virtude da vida transfigurada que recebeu com a ressurreição. É o sangue que agora não mais expressa a simples vida natural, mas que tem e dá a vida imortal. É, portanto, o sangue da vida eterna; é o sangue que transfunde a vida do Senhor ressuscitado àquele que o recebe, que transforma (paulatinamente) a vida e o ser natural em vida eterna e ser em Cristo: “Vivo eu, mas já não eu: é o Cristo

---

11 Com efeito, no v. 57 Jesus substituirá a “carne” e o “sangue” por ele mesmo: “aquele que me come”.

que vive em mim” (Gl 2,20). Na dicção joanina: “permanece em mim e eu nele” (Jo 6,57).

### **Considerações finais**

O percurso feito possibilita entrever as principais características do “sangue” nos textos bíblicos analisados. O Antigo Testamento serve de cenário para mais bem se compreender o alcance das afirmações do Novo Testamento e, por esse motivo, sua consideração, naqueles detalhes que são evocados nas passagens neotestamentárias, se mostrou imprescindível para se apreender com mais rigor a radicalidade das mesmas.

Com os dados levantados, patenteia-se que o “sangue”, na Escritura, une duas realidades, morte e vida. Morte, porque seu derramamento é o sinal mais claro; vida, porque sem sangue ela não existe. O sangue de Cristo, versado na sua cruz, demonstra visivelmente a entrega de sua vida em seu amor “até o extremo”. Naquele momento, sua obra é consumada e seu amor plenamente realizado. Ele é o justo sofredor, o Cordeiro cujos ossos não devem ser quebrados, cordeiro que é a imolação da Páscoa. O sangue que “sai” de seu lado aberto expressa, sob outra forma, a doação total de sua vida, que exige ser vista, contemplada e testemunhada. Seu sangue afasta o flagelo da morte, é o sangue daquele para o qual todos, em todas as épocas, são chamados a olhar com fé. É o sangue que elimina o poder do inimigo e do mal.

Mas o sangue é também expiação, sinal do sacrifício que purifica, reconcilia e santifica. É sacrifício que sela a aliança entre Deus e aqueles que dele participam. É o sangue que justifica quem o aceita, que é perdão de todos os pecados, superando a inimizade com Deus. O sangue de Cristo é, assim, de forma plena, o sangue que possibilita viver em Deus, ter vida plena. O mistério de seu sangue explicita, desse modo, o efeito do mistério pascal em cada um que o recebe em si, o aceita com amor, nele crê e procura viver a partir da relação com a caridade nele expressa “até o extremo”. É sua própria vida, é a vida de sua Pessoa no mistério da união, na Pessoa divina, das duas naturezas, que todos os que “bebem o seu sangue” recebem. E por isso, pela carne e sangue do Senhor, o cristão tem acesso à vida mesma de Deus e podem participar da vida intratrinitária.

Refletir sobre a caridade de Cristo, expressa no mistério de seu sangue derramado na morte que leva à vida, apresenta-se, dessa maneira, como um modo de se tematizar mais profundamente o cerne da revelação de Deus em Cristo: o amor que salva, que protege, purifica, renova, santifica e nos dá acesso à verdadeira vida.

## Referências

- ATTRIDGE, H.W. *The Epistle to the Hebrews*. Philadelphia: Fortress Press, 1989.
- AVERBECK, R.E. “כֶּבֶד”. In: VAN GEMEREN, W.H. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 1039-1046. V. 1.
- BEALE, G.K.; CARSON, D.A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BEHM, J. αἷμα. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Orgs.) *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1965, col. 461-474. V. 1.
- BROWN, R.E. *The Death of the Messiah*. From Gethsemane to the Grave. New York: Doubleday, 1994. V. 2.
- CABA, J. *Cristo, Pan de vida*. Teología eucarística del IV Evangelio. Estudio exegético de Jn 6. Madrid: BAC, 1993.
- CHILDS, B. *Il libro dell’Esodo*. Casale Monferrato: Piemme, 1995.
- DE LA POTTERIE, I. “Le symbolisme du sang et de l’eau em Jn 19,34”. In: *Didaskalia*, v. 14, 1984, p. 201-230.
- DE VAUX, R. *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona: Herder, 1992.
- DURHAM, J.I. *Exodus*. Dallas, Texas: Word Books, 2002 (versão em pdf).
- FEE, G. *Prima Epistola a los Coríntios*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1994.
- HULTGREN, S. “Hilasterion (Rom. 3:25) and the Union of Divine Justice and Mercy. Part II: Atonement in the Old Testament and in Romans 1-5”. In: *The Journal of Theological Studies*, NS, v. 70, 2019, p. 546-499.
- JEAN CHRYSOSTOME. *Huit catéchèses baptismales inédites*. Paris: Du Cerf, 2005.
- KRALJIK, D. The Notion of Blood in the Old Testament. Blood That Purifies and Blood That Defiles. In: *Kairos*, v. 16, 2022, p. 7-30.
- LANE, W.L. *Hebrews*. Dallas, Texas: Word Books, 1991 (versão em pdf).
- LAUBACH, F. Blood. In: BROWN, C. (Org.). *The New International Dictionary of the New Testament Theology*. Grand Rapids, MI: Regency, 1975, p. 220-224. V. 1.
- LÉON-DUFOUR, X. *O partir o Pão Eucarístico segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984.
- MARKL, D. *Der Dekalog als Verfassung des Gottesvolkes*. Die Brennpunkte einer

Rechtshermeneutik des Pentateuch in Exodus 19–24 und Deuteronomium 5. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 2007.

MEYERS, C. *Exodus*. New York: Cambridge University Press, 2005.

*Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Editio Typica altera. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1998.

BAUMGARTNER, W.; HARTMANN, B.; KUTSCHER, Y. (Orgs.). *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament*. Leiden: Brill, 1990. V. 2.

OTTO, E. “אֶדָן, אֶדָן”. In: BOTTERWECK, G.J.; RINGGREN, H.; FABRY, H.-J. (Orgs.). *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1989, col. 659-693. V. 6.

SCHNACKENBURG, R. *El evangelio según San Juan*. Barcelona: Herder, 1980. V. 3.

TALAVERO TOVAR, S. *Pasión y Resurrección en el IV Evangelio*. Interpretación de um critiano de primera hora. Salamanca: Universidad Pontificia, 1976.

VANHOYE, A. “Par la tente plus grand. Heb 9,14”. In: *Biblica*, v. 46, 1965, p. 1-28.

### Como citar:

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A caridade do sangue de Cristo: elementos bíblicos. *Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 175-190, jul./dez.2023.